



O silêncio de um acusado

Na Quinta da Amendoeira vivia a família Bourbon juntamente com os seus dois empregados: a D. Benilde, apaixonada e dedicada ao seu patrão, e o Sr. Amílcar, o motorista, reservado e tristonho.

Num certo dia ao jantar o Sr. Bourbon partilhou com grande entusiasmo os seus conhecimentos sobre química que haviam sido adquiridos com o Eduardo, responsável pelo controle de qualidade dos vinhos da Quinta da Amendoeira.

Assim, dizia o Sr. Bourbon muito eufórico: sabiam que colocamos ácido acético na nossa salada? Pois é, o vinagre é um ácido. – dizia ele feliz pelos seus novos conhecimentos. Enquanto isso a sua nora olhava, com um ar desconfiado, para o prato.

E esses antiácidos que tu tanto teimas em tomar – dizia ele apontando para o filho - são apenas um sal com carácter básico.

O jantar acontecia e os presentes ficavam cada vez mais enfadados com tanta conversa sobre química, até que o filho mais novo do Sr. Bourbon, José, decidiu lançar um desafio ao pai.

- Pai vou por à prova os seus conhecimentos. Se me der uma resposta convincente pode continuar a falar de química, caso contrário mudamos de assunto.

- Aceito o desafio! – disse o Sr. Bourbon muito confiante.

- Então cá vai: por que razão a couve roxa fica mais cor-de-rosa quando se tempera com vinagre ou limão? – Perguntou o José.

- Boa pergunta, mas não faço ideia da resposta. Amanhã vou ter que perguntar ao Eduardo – respondeu o pai desapontado.

Depois do jantar todos se retiraram e continuaram os seus afazerem enquanto o Sr. Bourbon pensava no enigma, mas mal ele sabia que nunca chegaria a saber a resposta.

Horas depois o Sr. Bourbon foi encontrado morto no chão do seu quarto.

O Sr. Amílcar chamou a polícia que, prontamente se apresentou na Quinta acompanhada do Dr. Castro, médico e amigo da família.

O quarto, onde aconteceu o crime, foi vedado e uma equipa de especialistas analisou o espaço cuidadosamente recolhendo várias provas. Enquanto isso o médico examinou o corpo do seu velho amigo e voltou à sala para anunciar à família:

- Descobri a causa da morte. Bourbon morreu asfixiado – disse o Dr. Castro.

Nesse momento todos os membros da casa, reunidos na sala, começaram a trocar olhares suspeitos e desataram numa troca de acusações, que rapidamente cessou interrompida pela voz do inspetor da polícia que anunciou:

- No quarto foram encontradas várias substâncias que nos podem conduzir ao possível assassino. Vamos enviá-las para o laboratório para serem analisadas pelos técnicos. Entretanto, dirijam-se por favor, um a um, à sala de estar para que possamos recolher os vossos depoimentos – disse o inspetor.

Os depoimentos foram breves e sentidos. José Bourbon disse que na altura do crime estava a tomar banho (**amostra 1**), e a sua esposa já estava recolhida. O filho mais velho, Manuel Bourbon, disse que tinha acabado de chegar de uma reunião de amigos e estava a beber um copo de leite (**amostra 2**) e a sua mulher disse que estava a lavar os dentes (**amostra 3**). Dos empregados, o Sr. Amílcar confessou que estava a apanhar limões (**amostra 4**) e a D. Benilde disse que estava a desentupir um cano do lavatório (**amostra 5**).

Antes de ir embora o inspetor anunciou:

- Vamos fazer os possíveis para descobrir o culpado o mais brevemente possível, entretanto gostava que o Sr. Amílcar nos desse as suas botas para recolher uma amostra de terra para análise (**amostra 6**).

A polícia partiu e todos regressaram à sala. O Dr. Castro, na esperança de receber algo da herança do seu amigo pois tratava-se de uma família com muitos bens, disse aos presentes:

- Caros senhores, depois desta tragédia só há uma coisa a fazer, abrir o testamento e saber o que vos resta.

O testamento era pequeno e tinha apenas umas breves indicações para todos os membros da família:

A Benilde tem na minha mesinha de cabeceira uma carta onde lhe deixo o meu maior tesouro. Ao Amílcar deixo o meu carro, que ele sempre estimou, e para os meus três filhos deixo a minha fortuna e propriedades, que devem dividir de forma equitativa.

A família ficou em silêncio e a D. Benilde correu para o quarto onde estava a carta, que ela tanto ansiava ler.

No dia seguinte, o motorista fez uma estranha descoberta numa das arrecadações da quinta: viu caído num canto um saco plástico, que continha uma almofada suja, com um cheiro intenso a lixívia (**amostra 7**). Na almofada ele pôde identificar um cabelo branco do Sr. Bourbon. Rapidamente entregou a prova à polícia que, por sua vez, a mandou analisar.

De volta à casa da família Bourbon, o inspetor anunciou:

- Meus caros existem provas que vos colocam a todos na cena do crime! Preciso de recolher novos depoimentos. Peço-vos, por isso, que desta vez me contem, concretamente, o que estavam a fazer antes do crime.

- Eu, após o banho, dirigi-me para o quarto do meu pai pois a minha esposa avisou-me que algo estranho se passava. Quando cheguei vi a janela aberta, mas o meu pai estava deitado e dormia calmamente – disse o filho mais novo.

- Como de costume, após chegar a casa, fui ver o meu pai para lhe desejar boa noite, mas encontrei a minha mulher a escutar à porta, e apercebi-me que a Benilde estava no quarto, e não avancei. Voltei para o cumprimentar dez minutos depois e ele estava nervoso mas de boa saúde – disse o filho mais velho.

- Eu estava realmente no quarto do Sr. Bourbon – confirmou a D. Benilde – ainda de luvas calçadas, pois tive um pressentimento de que algo mau ia acontecer. A única coisa estranha em que reparei foi nuns pedaços de terra junto à janela entreaberta (**amostra 8**). Decidi descer à cozinha para ir buscar uma vassoura mas quando voltei, o Bourbon já estava deitado no chão, morto.

-Eu confesso – disse o motorista – estive no quarto do patrão e tivemos uma conversa exaltada sobre a Benilde. Por momentos descontrolei-me e puxei-lhe os colarinhos da camisa mas logo me acalmei e nada mais aconteceu. Quando sai do quarto o Sr. Bourbon estava de pé, junto à janela, ainda um pouco agitado.

Depois de ouvidos os novos depoimentos, tanto a família como o inspetor incriminaram o Sr. Amílcar. Contudo, após lhe terem sido colocadas as algemas o motorista desvendou uma última pista: na noite do crime, revelou ter visto no jardim, enquanto apanhava limões, o filho da D. Benilde vagueando disfarçadamente por entre as árvores de fruto da propriedade.

O inspetor decidiu chamar o Duarte a depor. O filho de Benilde trabalhava num pomar e estava encarregue de adubar os terrenos. Dada a situação foi chamado às pressas e não trocou a sua roupa de trabalho.

O inspetor olhou-o atentamente. As botas do Duarte estavam cheias de terra e os punhos da sua camisa estavam descolorados. Antes de qualquer outra pergunta o inspetor pediu-lhe uma amostra de terra das suas botas (**amostra 9**) e perguntou-lhe por que razão tinha as mangas manchadas.

O Duarte disse que o patrão, da propriedade onde trabalhava, lhe tinha pedido para lavar os reposteiros pretos do seu escritório com lixívia. O inspetor desconfiou da sua história, pois se as suas mangas estavam manchadas também os reposteiros deviam ter ficado danificados.

Após a conversa com o Duarte o inspetor enviou a amostra de terra para análise, para a comparar com a amostra retirada do quarto do Sr. Bourbon. Solicitou ainda que um agente fosse verificar o estado dos reposteiros que, supostamente haviam sido lavados pelo Duarte.

Os reposteiros estavam intactos e a terra das botas de Duarte tinha fertilizante, tal como a terra encontrada no quarto do Sr. Bourbon e dentro do seu roupeiro.

Com estas novas provas o inspetor e a sua equipa declararam que o Duarte era o culpado, suspeitando que o possível motivo do seu ato terá sido o facto de este não se conformar que o Sr. Bourbon não o reconhecesse como filho e que a sua mãe trabalhasse como criada.

Após traçarem um possível percurso para o criminoso, concluíram que, possivelmente Duarte entrou pela janela do quarto enquanto o seu pai dormia mas, ao aperceber-se da agitação na casa, escondeu-se dentro do roupeiro. Após terminar a discussão entre o Sr. Bourbon e o Amílcar, o Duarte asfixiou o seu pai, com uma almofada, quando ele estava virado para a janela.

Apesar destas suposições o Duarte nunca confessou nada nem à polícia nem em tribunal.

No laboratório, os investigadores catalogaram as amostras recolhidas no local do crime, da seguinte forma:

Amostra 1 - gotas de água com sabão que foram encontradas desde o quarto do filho mais novo até ao quarto do dono da casa.

Amostra 2 - pedaço de edredão encharcado de leite.

Amostra 3 - mancha de pasta dos dentes que se encontrava esbatida na porta do quarto do Sr. Bourbon.

Amostra 4 - porção do colarinho da camisa do Sr. Bourbon que tinha um cheiro cítrico.

Amostra 5 - a maçaneta da porta continha vestígios de hidróxido de sódio.

Amostra 6 - terra retirada das botas do Sr. Amílcar.

Amostra 7 - almofada que tinha sido lavada com hipoclorito de sódio para eliminar qualquer vestígio do assassino.

Amostra 8 - terra encontrada junto à janela e perto do guarda-roupa do quarto de Bourbon.

Amostra 9 - terra adubada retirada das botas de Duarte.